

BULHÃO PATO

CANTOS

E

SATYRAS

LISBOA
EDITORES—ROLLAND & SEMIOND
3—RUA NOVA DOS MARTYRES—3
1873



CANTOS E SATYRAS

BULHÃO PATO

CANTOS

E

SATYRAS



LISBOA
EDITORES—ROLLAND & SEMIOND
3—RUA NOVA DOS MARTYRES—3
1873

ADVERTENCIA

Na primeira parte d'este volume «Cantos» vam duas peças já publicadas no «Brinde aos assignantes do Diario de Noticiás» de 1867. Intitulam-se: «Adoração» e «José Estevão».

Na segunda parte «Satyras» vem «O seculo envelhece» de C. J. Nunes, meu estimavel amigo e nosso illustre poeta. Em seguida a estes versos apparece a minha resposta.

CANTOS

CANTOS

A ROSA DO MONTE

A J. BATALHA REIS

> «Quem tem meninos pequenos
> Por força lhe ha de cantar.
> Quantas vezes canta a mãe
> Com vontade de chorar!»
>
> CANÇÃO POPULAR.

I

Sobre os degraus d'uma cruz,
Que á entrada d'aldeia havia,
Todas as tardes Sylvano
Á sua noiva dizia:

«Em vindo a Paschoa,
Nessa ermidinha,—
Descansa—juro-te
Que has de ser minha.»

Dezeseis annos completos
Inda Rosa os não teria—
Olhos negros como a noite,
Mas alegres como o dia!

Se uma sombra de tristeza
Naquelle rosto se via,
Era quando, ao fim da tarde,
Do noivo se despedia;

Que a meia encosta do monte
A mãe de Rosa vivia,
E a filha, em sendo sol posto,
A casa se recolhia:

E logo á entrada da porta,
Que mais tempo não havia,
Resavam juntas ouvindo
O toque da Ave-Maria;

Depois a mãe, abraçando-a,
Com muito amor lhe dizia:
«Só pode valer-te a Virgem,
Se te eu faltar algum dia;

Por que teu pae dorme ha muito
Debaixo da terra fria,
E tu não tens neste mundo
Mais que a minha companhia!»

Rosa, beijando-a mil vezes,
Ia a fallar... não podia...
Ia a fallar-lhe do noivo;
Mas, de acanhada, tremia.

Fazia mal—que um segredo,
Seja qual for, se confia
Ao santo seio da mãe
Que nos deu á luz do dia!

II

Abril para os namorados!...
Aves, flôres, ceu e mar,
Tudo se anda a namorar...
Que farão elles, coitados!

Rosa descia do monte
Mal vinha rompendo a aurora,
E as alegrias dess'hora
Tinha-as no peito e na fronte.

No valle as rosas louçãs
Já começavam de abrir,
E ella passava a sorrir
Áquellas suas irmãs!

O rouxinol que um gorgeio
Soltava d'entre o arvoredo,
Sabia o terno segredo
Que ella trazia no seio.

Era sentil-a passar —
E a sua voz na espessura
Com mais requebro e doçura
Começava a papear!

No rouxinol e na flôr,
E em tudo o mais onde impera
Um raio da primavera,
Existe um raio d'amor!

Vozes do monte e do val,
Do bosque e do mar immenso,
São vozes, segundo eu penso,
Que aspiram ao ideal!

III

Uma tarde — a viração,
Posto ser de abril o dia,
De quando em quando corria
Quente como no verão.

Rosa mais cedo voltou,
E, em vez de ser no cruzeiro,
Ao pé de um frondoso ulmeiro
O seu amante encontrou.

Por primeira vez, Jesus!
A entrevista dos amantes,
Como fôra sempre d'antes,
Não foi á sombra da cruz!

Davam as rosas agrestes
Mais brando aroma do seio,
E as aves no seu gorgeio
Algumas notas celestes...

Das loucuras amorosas,
A que não foge ninguem,
Tem culpa, ás vezes, tambem
Tanto as aves como as rosas!...

Que fogo em cada palavra
Que os dois amantes proferem!
Com que delirio se querem!...
Como aquelle incendio lavra!

O seio d'ella, tremente,
Palpita n'um paroxismo:
Acaso treme do abysmo
Que sob seus pés presente?!

Que, nos transportes do amor,
A mulher, se tudo esquece,
Ao mesmo tempo estremece
De ventura e de terror!

Era terror ou ventura
Que expressava aquelle rosto?
Não sei—que, sendo sol posto,
No valle era noite escura.

Rosa subiu apressada,
Mas, quando a encosta subia,
Não deu pela Ave-Maria,
Nem pela noite cerrada!

N'aquella tarde, Jesus!
A entrevista dos amantes,
Como fôra sempre d'antes,
Não foi á sombra da cruz!

IV

Rosinha vem no outro dia
Ao val das rosas louçãs;
Porém não sorri—descora,
Ao ver as suas irmãs.

Os dois amantes encontram-se,
Mas não junto do cruzeiro—
Na deveza, á mesma hora,
Debaixo de um certo ulmeiro.

Tem mais ardor, tem mais fogo
Os olhos negos de Rosa:
A luz é que é menos viva,
Ou, talvez, mais saudosa...

Quando ella parte, Sylvano
Não cessa de a contemplar;
Ella diz-lhe adeus mil vezes,
E elle de novo a cantar:

«Em vindo a Paschoa,
N'essa ermidinha—
Descansa—juro-te,
Que has de ser minha.»

Rosa precipita os passos,
Que já desfallece o dia,
Mas não chega nunca a tempo
Do toque da Ave-Maria!

E a mãe diz, com um suspiro:
«Minha filha, ha quantos dias
Que nós não resamos juntas
As nossas Ave-Marias!...»

V

Veio a Paschoa, mas Sylvano
Ao promettido faltou!
Rosa, chorando comsigo,
Nem uma queixa soltou.

Correram mezes e mezes,
E ella em secreto a chorar!...
Assim como occulta as lagrimas
Podesse o mais occultar!

Morre-lhe a mãe de vergonha!
O amante foge-lhe um dia!...
Á Rosa desamparada
Valei-lhe, ó Virgem Maria!

....
....

Nunca mais voltou á aldeia.
Se alguem na encosta passava
Ouvia a Rosa do Monte,
Que ao pé de um berço cantava:

«Quem tem meninos pequenos
Por força lhe ha de cantar.
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar!»

Dezembro, 17, 1870.

FLOR SEM O SOL

Tornei a ver-te, e não tinha
O teu correcto semblante
Um não sei quê de tocante
Que lhe notei tanta vez!
Era bello, sim, mas bello
Sem luz, sem graça e sem vida—
D'uma expressão abatida,
D'uma glacial pallidez.

É que a luz, a graça, a vida
De que o viste illuminado
Quando eu sonhava a teu lado,
Nunca mais lhe voltará.
Nunca mais! A flôr do campo,
Seja lyrio ou seja rosa,
Não perde co'a noite umbrosa
A graça que o sol lhe dá?!

Esqueceste, consultando
Teu espelho predilecto,
Que vinha do meu affecto
Aquelle vivo esplendor!
Ufana por ser amada,
Perdeu-te a cega vaidade!...
Hoje inda és flôr, na verdade...
Mas, sem o sol, que é a flôr?

Oitubro, 9, 1870.

ADESSO E SEMPRE!

Canção

Luz e sombra, vida e morte,
Hoje e sempre eu hei de amar-te—
Na ventura ou na má sorte,
Longe ou perto, em toda a parte!

Foi no mar que me disseste,
Num olhar, que me adoravas:
Era á tarde—as ondas bravas
Sacudia o vento agreste.

Veio a noite e a recrescer
Cada vez mais forte o vento:
Nem sequer por um momento
Ante o mar te vi tremer!

Só depois, quando em delirio
Te apertei de encontro ao seio,
De paixão, não de receio,
Desmaiaste como um lyrio!

Veio a lua e com a lua
Aquietou-se o mar undoso.
Como a luz do astro saudoso
Inundava a face tua!

Teu rival na pallidez,
No sorriso enamorado...
Não, teu gesto apaixonado
Mais tocante era talvez!

Brisa larga e de feição—
Ceu azul—o mar ufano,
E o navio a todo o panno
A seguir como um falcão!

Como nós, com tanto ardor,
Num abraço tão estreito,
Face a face e peito a peito,
Oh! ninguem morreu d'amor!

Frouxa luz da madrugada
Despontava no horisonte:
Terra á vista!—Ergueste a fronte
Toda em lagrimas banhada!

Eu seguia, tu ficavas:
Pobre amiga! nesse instante
Vi-te a morte no semblante,
E no olhar que em mim fitavas!

Não abriste os labios teus
Num adeus de despedida—
Que o alento, a força, a vida
Te faltou n'aquelle adeus!

Luz e sombra, vida e morte,
Hoje e sempre eu hei de amar-te,
Na ventura ou na má sorte,
Longe ou perto—em toda a parte!

Oitubro—1870.

CORAÇÃO VENCIDO

És feliz, que tens poder
Com a força da rasão
De vencer o coração!
Eu nunca o pude vencer!

Teu crime foi atear
O incendio, que tu sabias
Que nunca jámais podias
Completamente apagar!

Que o fogo que eu sinto em mim
É lento, porém eterno,
E o fogo voraz do inferno
Só pode queimar assim!

Alma ardente de mulher,
Quando o transporte é divino,
Confia tudo ao destino,
E affronta o proprio dever.

Quem sabe se, por vaidade,
Medindo este amor immenso,
Dizes: «Delira—que eu penso.»
Oh! requintada maldade!!

Mas não te ufanes... Se um dia
Me inflamaste o coração,
É que em ti via a paixão,
Não era a rasão que eu via!

Dezembro, 20, 1870.

A MÃE E O FILHO MORTO

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava!
O coração que batia
Era o d'ella, e não do filho
Que já do somno da morte
Havia instantes dormia.

Olhei, e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!

Resava, e do fundo d'alma!
Em quanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava!

Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus!—que dôr expressou!

Pensei então:—A mulher,
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer:
«Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer!!»

Junho—1871.

NUNCA MAIS!...

A ***

Nunca mais!—Quem tal diria!
Tu nunca mais has de amar.
Que fructo ou flôr ha de dar
O tronco a que o fogo, um dia,
A folha e seiva abrasou,
Se a vida se lhe acabou?

Amar!... nem sonhar, talvez!
Embora sejas mulher
Não has de tornar a ter—
Que se tem só uma vez—
A vida, a morte, a ventura
D'aquella nossa loucura!

Lembras-te bem? o horisonte,
Á hora do entardecer,
Começou a escurecer.
O norte agudo do monte
Vinha caindo ás lufadas,
E nisto as ondas picadas
Já começando a espumar,
E a recrescer empinando-se,
Até que emfim sobre a costa,
Rugindo mais ao curvarem-se,
Na costa vinham quebrar!—
Que noite, que ceu, que mar!!

E nós nessa solidão!...
Com que insolente ufania

A tua fronte se erguia!
Quando ao clarão dos relampagos
Se rasgava a escuridão,
Como em tua face eu via
A pallidez da paixão!—
Por que o teu sangue agitado
Confluia ao coração,
Que batia alvoroçado,
Que no peito não cabia...
Nem com tanto amor podia!

Não podia: e nos meus braços,
Quebrada, desfallecida,
Te veio a aurora encontrar—
Serenada a tempestade,
Mudo o vento e quedo o mar!
Quem fundiu assim a vida
Num só beijo—quem amou
Com tal delirio e logrou
Num momento a eternidade...
Pensa e dize-me a verdade:
—Inda outra vez pode amar?!

Abril, 26, 1871.

AS OLHEIRAS DA MARIQUINHAS

Tens as olheiras, Maria,
Tão pisadas e tão fundas!...
Serão reflexo de magoas
Occultas, porém profundas?

A rôxa côr d'essas palpebras
Parece que o denuncía;
Mas como—se de teus olhos
Está saltando a alegria!...

E quando uma leve sombra
Os carrega alguma vez,
Não é de negra tristeza,
É de funda languidez!

Já sei por que tão pisadas
Tens as olheiras — Maria!
É que tu sonhas de noite
No que só pensas de dia!

Portimão—Agosto, 12, 1871.

TRABALHO E CARIDADE

RECITADA NO THEATRO DE PORTIMÃO

Caminhemos com fé em prol da humanidade,
A bandeira da paz ao vento desfraldada,
Na fraternal bandeira a legenda sagrada,
A historia do porvir:—Trabalho e Caridade!

Deixa um rasto de sangue a conquista da guerra:
A conquista da paz deixa um rasto de luz!
Lidar—que a santa lida, ao cabo, nos conduz
A quanto ha justo e bom e grande sobre a terra!

Depois de labutar no campo e na officina,
A consciencia tranquilla, alegre o coração,
Aqui neste recinto encontrareis então
Uma escóla tambem que as almas illumina!

O genio creador eleva-se da terra—
Mede espaços sem fim num relance do olhar!
Sobrehumano poder que parece rasgar
O véo que nos esconde o que o futuro encerra!

O theatro reflecte em espelho leal
As humanas paixões—castiga-lhe os defeitos.
Recebei esta luz—abri os vossos peitos
Ao bello que é o bom—e tendes o ideal!

Ávante, ávante pois em prol da humanidade:
A bandeira da paz ao vento desfraldada,
Na fraternal bandeira a legenda sagrada,
A historia do porvir—Trabalho e Caridade!

Portimão—Agosto, 1871.

O REI E O SAPATEIRO

A H. de S.

«Eu para pobre o creei,
Tu rico fazel o queres.
Agora ahi o tens morto:
Dá-lhe a vida, se poderes.»
CANÇÃO POPULAR.

Era uma vez... quando foi
Eu bem ao certo não sei;
Porém sei que era uma vez
Um sapateiro e um rei.

Olha, Helena, o sapateiro
Era um pobre remendão,
Casado e com quatro filhos,
Que via quasi sem pão.

No recanto de uma escada
Noite e dia trabalhava,
E por allivio de magoas
Esta cantiga cantava:

«Ribeiros correm aos rios;
Os rios correm ao mar:
São tudo leis d'este mundo,
Que ninguem pode atalhar.
Quem nasce para ser pobre
Não lhe val o trabalhar!»

O rei tinha montes d'oiro,
E joias em profusão,
E tinha mais que oiro e joias,
Pois tinha um bom coração!

Em vendo um pobre acudia-lhe,
Sem que o soubesse ninguem—
Que assim quer Deus que se faça,
E assim o faz tua mãe.

Por muitas vezes saía
Sem criados de libré,
E sósinho, e disfarçado
Corria a cidade a pé.

Na rua do sapateiro
Passa o rei e ouve cantar:
«Quem nasce para ser pobre
Não lhe val o trabalhar.»

Isto uma vez e mais d'uma,
Com voz que o pranto cortava,
E o rei condoeu-se d'alma
Do velho que assim cantava.

Chegando a palacio ordena
Que lhe arranje o seu copeiro
Um bolo, do melhorio,
E que o mande ao sapateiro.

No melhorio do bolo
É que estava o delicado,
Pois era de peças d'oiro
Todo, todo recheiado.

Os pequenos quando o viram,
Helena, imagina então,
Os olhos que lhe deitaram,
Elles que nem tinham pão!

Mas o pae a um seu compadre,
Que ás vezes o soccorria,
Foi dar de presente o bolo,
Sem ver o que n'elle havia!

No dia seguinte o rei
Torna de novo a passar,
E com grande espanto seu
Ouve inda o velho a cantar:

«Ribeiros correm aos rios,
Os rios correm ao mar.
Quem nasce para ser pobre
Não lhe val o trabalhar.»

Manda-o chamar a palacio,
E agastado então o rei
Lhe diz: Que é das peças d'oiro
Que no bolo te mandei?

O pobre do sapateiro
Tremendo conta a verdade:
Abalou-se novamente
O rei na sua piedade.

—Toma esta sacca, lhe diz,
Ao erario vae d'aqui
Enchel-a de peças d'oiro,
Que as peças são para ti.

Ó Helena, suppõe tu
Qual foi a sua alegria,
Vendo que um thesoiro aos filhos
N'aquella sacca traria!

Encheu-a a mais não poder,
Pol-a ás costas e partiu;
Deu quatro passos... nem tantos,
E nisto morto caiu!

Na mão direita lhe acharam
Um papel onde se lia
Esta sentença, que o povo
Ser sobrehumana dizia:

«Eu para pobre o criei,
Tu rico fazel-o queres:
Agora alli o tens morto.
Dá-lhe a vida, se poderes.»

Dezembro, 12, 1870.

IDEIAS VAGAS

Hoje, mais do que nunca, a humanidade afflicta
Pára vendo o presente e no porvir medita!
Não trepida o talento á voz de demolir;
Mas treme ao cogitar como ha de construir!
Alcançar o ideal o pensador procura:
Mas acaso o ideal é dado á creatura?
Quando venha o saber que a todos illumina
Deixará de existir a força que domina?
O mais forte ao mais fraco emfim não imporá

Esse estranho poder que occulta mão lhe dá?
Refreiando as paixões, o braço da equidade
Logrará conseguir a maxima egualdade?
Levará quem tem vista o cego pela mão,
Partindo egual com elle o fraternal quinhão?
Se tal dever impõe o amor da caridade,
Podem leis d'este mundo impol-o á humanidade?
Em mil annos não faz o espirito mediano
O que o genio fará ao cabo de um só anno:
Então, na sociedade, o espirito vulgar
Ha de ter como o genio identico logar?
A gloria que illumina a fronte do inspirado,
As palmas que ceifou, o applauso consummado,
Tudo isto que será?—o premio, a distincção,
Que ufana lhe tributa a voz da multidão!

Acima do vulgar ergueu-se alguem um dia:
Pois bem, o que se ergueu creou a jerarchia.

Portimão, agosto, 1871.

A PERDA DE ALHAMA

Romance primeiro [1]

El-Rei moiro passeava
Na cidade de Granada;
Da porta Elvira voltava
Á Bivarambla chamada.
Ai! de mi Alhama!

[1] Vertido do hespanhol e publicado no meu primeiro volume de versos, edição esgotada desde 1852.

Dizem-lhe as cartas chegadas,
Que sem Alhama ficara;
Ao fogo as lançou rasgadas,
E o mensageiro matara.
Ai! de—

De uma mula descavalga,
E num cavallo partindo;
Veloz para Alhambra galga
Pelo Zacatim subindo.
Ai! de—

Assim que a Alhambra chegara,
Dar signal ás suas gentes
Nos anafis ordenara,
E nos clarins estridentes.
Ai! de—

E que os tambores rufassem
A rebate na esplanada,
Para que os seus o escutassem,
Os da Vega, e de Granada.
Ai! de—

Os moiros que o som ouviram,
Que chama o sangrento Marte,
Em batalha reuniram,
Correndo de toda a parte.
Ai! de—

Um moiro assim falla a El-Rei—
Um já de idade avançada;
—Porque nos chamais? dizei,
Porque foi esta chamada?
Ai! de—

A saber ides, amigos,
Uma nova desgraçada,
Que por christãos inimigos
Nos foi Alhama tomada.
Ai! de—

A isto disse um Alfaquí
De barba crescida e alva:
—Rei, bem se te emprega assi,
Bom Rei, bem se te empregava.
Ai! de—

Os Benserragens mataste
Que eram a flor de Granada,
Os tornadiços tomaste
De Cordova a respeitada.
Ai! de—

Por isso, Rei, merecias
Que a pena fosse dobrada:
Perder o reino devias,
E perder tambem Granada.
Ai! de—

Que se as leis se não respeitam,
Perder tudo seja lei:
Granada e reino se percam,
E que tu te percas—Rei.
Ai! de—

Dos olhos lhe scintilava
Fogo ao Rei quando o escutou,
E a quem de leis lhe fallava
De leis tambem lhe fallou.
Ai! de—

As leis... agora sabei
Que um Rei tem-n'as a seu grado—
Isto disse o moiro Rei
Pela raiva suffocado.

Romance segundo

—«Moiro alcaide, alcaide moiro,
El-Rei te manda prender,
Porque tu com tal desdoiro
Deixaste Alhama perder.
Ai! de—

«E decepar-te a cabeça,
E na Alhambra ser deixada;
Porque a outros não esqueça
A pena que te foi dada;
Ai! de—

«Pois que deixaste perder
Cidade de tal valia.»
Vae-lhe o alcaide responder.
Deste modo lhes dizia:
Ai! de—

—Cavalleiros, ide a El-Rei,
Vós, que governaes Granada,
Da minha parte, e dizei
Que eu,—que não lhe devo nada.
Ai! de—

Ás bodas fui a Antequera,
Onde minha irmã casou,
Que o fogo as bodas ardera,
E mais quem lá me chamou.
Ai! de—

Licença El-Rei m'a deixara,
De certo a não tomei eu,
Por quinze dias rogara,
Por tres semanas m'a deu.
Ai! de—

Perdera uma terra El-Rei,
Mais valor tem honra e fama:
E difamado eu fiquei
Co'a fatal perda de Alhama.
Ai! de—

Perdi filhos... mulher bella!
Ai! tambem me foi roubada
A minha filha donzella,
A linda flor de Granada!
Ai! de—

—É quem lá m'a tem escrava,
Marquez de Cadiz chamado:
Cem dobras por ella eu dava,
Mas nenhum valor lhe ha dado!
Ai! de—

—A nova que me chegara,
Foi que por nome se chama,
Des que christã se tornara,
Dona Maria de Alhama.
Ai! de—

—O nome que tinha em moira
Era Fatima, chamada.
Dizendo isto, sem demora,
O levaram a Granada:
Ai! de—

Onde El-Rei dera a sentença,
Que a cabeça lhe cortassem,
E que a Alhambra sem detença,
Por dar exemplo, a levassem.
Ai! de—

«Justiça se executara,
«Do modo que El-Rei mandara.»

Fevereiro, 16, de 1850.

EPITAPHIO

A...

Filha, esposa exemplar, á sombra do cipreste
Teu corpo dorme em paz: tua alma, nas alturas,
Respira junto a Deus as immortaes venturas...
Mensageira do ceu de novo ao ceu volveste!

Janeiro, 26, 1872.

ADORAÇÃO!...

Ao ver-te, minh'alma em extasis
De etherea luz se illumina:
Suspensa, imagem divina!
No encanto do teu olhar!...
Mas, ah! como passam rapidas
Essas horas de delirio!
Como redobra o martyrio
Quando torno a despertar!

Semelhante ao mar indomito,
Meu sangue se agita em ondas;
Mas tu não vês, tu não sondas
O seio ao revolto mar!...
Se o visses, talvez, no animo
Sentindo profundo abalo,
Procurasses applacal-o
Com a luz de um teu olhar!

Cingida de brilho esplendido,
Caminhas, erguendo o collo,
Sem ver que sobre este solo
De rastos te sigo em vão!
E quando teus labios timidos
Me dizem uma palavra,
Mais voraz o incendio lavra
Convertendo-se em vulcão!

Como azul da immensa abobeda,
Quando abril o prado inflora,
Teus olhos brilham agora,
Animados pelo amor:
Venturoso, teu espirito,
Da terra se eleva extreme,
Em quanto minh'alma geme
Em lances de immensa dor!

Hontem, quando melancolico
Espirava o sol na vaga,
Sentada na esteril plaga
Miravas o mar e o sol.
Inclinaste a fronte morbida,
Qual no prado enamorada,
Se inclina a rosa encantada
Escutando o rouxinol!

Depois desprendeste languida
A voz da bocca celeste,
E sorrindo me estendeste
A nivia e graciosa mão.
Julguei ver-te á flor das palpebras
Uma lagrima sumida,
Então senti toda a vida
Parar-me no coração!

Bem sei que jámais, ó idolo,
Por mim palpitou teu seio:
Bem sei que este devaneio
Á perdição me conduz!
Embora, encaro o patibulo,
Que a tua mão me prepara,
Impassivel, como encara
O martyr morrer na cruz!

186...

NO ALBUM DE M.me FRICCI BARALDI

Vaes em breve partir e receber de novo
As palmas que ao talento offerta a humanidade:
Quantas flores terás!... porém uma *saudade*
Só t'a pode offertar a voz do nosso povo!

Março 29, 1872.

CAPRICHOS DAS FLORES

Procura a sombra a violeta,
A rosa procura o sol:
Uma enamora o poeta,
Outra adora o rouxinol.

Ninguem dirá com certeza
Qual d'ellas é mais formosa,
Se a violeta co'a tristeza,
Se com a alegria a rosa!

Ambas podiam amar
A aurora, o sol que rompeu;
Mas uma não quer deixar
As sombras em que nasceu.
....

Mais feliz, ao pôr do sol,
É a rosa ou a violeta —
Uma ouvindo o rouxinol,
Outra, em segredo, o poeta!?...

Agosto, 9, 1872.

Á NOTAVEL ESCRIPTORA D. GUIOMAR TORRESÃO

Ao ver-te no sorriso o vivo sentimento,
E no limpido olhar a luz da intelligencia,
Do fundo da minh'alma imploro á Providencia
Que não sintas jámais o frio desalento!

Na quadra juvenil tambem sonhei, um dia,
Que no mundo o enthusiasmo era um celeste dom:
Agora em vão procuro os echos da poesia!...
Nem já lhe sinto ao longe um fugitivo som!

Abril 2, 1872.

ESTRELLA CADENTE

A luz da estrella cadente
Disparece num momento;
Mas o nosso pensamento
Fica depois a scismar
No clarão resplandecente
Que no ceu vira passar!...

Assim me succede a mim
Com a luz do teu olhar:
Brilha e foge num momento!...
Mas fica-me o pensamento,
Em horas que não tem fim,
Num enleio a procurar...
A ver quando volta, emfim,
Esse clarão fugitivo,
Porém tão grato, tão vivo,
Tão puro e tão resplandente,
Como o da estrella cadente!

. . . .

Voltar?... não pode voltar.
E, ó Deus, que loucura! amar
Estrella tão inconstante,
Que nos foge num instante!...

Loucura?!... embora. Eu quizera—
Fatal allucinação!—
Quanto ha na vida real
Trocar por esta illusão,
Este sonho, esta chimera,
Este nada... este ideal!

Agosto 22, 1870.

A M. J. DE L.

Em teu limpido olhar fulgem clarões da aurora.
Praṡa a Deus, prasa a Deus que sempre, como agora,
Tenhas a crença, a fé, a luz no coração.
Não te roube o futuro a minima illusão;
Mas—destino cruel imposto á humanidade!—
Não são sómente os maus—os anjos de bondade
Hão de pisar tambem asperrimos caminhos!
Teve Christo o flagello, a c'roa dos espinhos,

A lançada no lado, a morte sobre a cruz!
Por que? por vir ao mundo e dar ao mundo a luz!

. . . .

Eu conheço a tua alma, e quem teus olhos vê,
Pela primeira vez, logo em tua alma lê.
Nem busques occultal-a—occulta apparecia:
Esconde-se a violeta, o aroma a denuncía.
Eu conheço a tua alma, e prasa a Deus, senhora,
Que tenhas no futuro as illusões d'agora!

Julho de 1872.

A DOENTE E OS MEDICOS

CONSELHOS A UMA DOENTE

Tu queres tornal-o a ver
Allucinado, perdido,
De novo a teus pés rendido...
Pois faze o que te eu disser.

Retrae dos olhos as lagrimas,
Onde elle vê tanto amor;
Como as lagrimas são perolas
Guardal-as sempre é melhor!

Com mil precauções subtís
Domina o bater do seio,
O córar, o vago enleio,
E convence-o que és feliz.

Se o teu apurado espirito
O faz persuadir de tal—
N'aquella vaidade maxima
Que punhalada fatal!

Que o homem como a mulher,
Em sendo desvanecido,
Implora humilde e rendido
Quando não póde vencer!

Recobre teu rosto pallido
Outra vez a antiga côr,
E guarde teu seio timido
Os thesouros d'esse amor!

Que elle ha de vir, deixa estar.
Oh! que ha de vir—sei-o eu—
Com a paixão resgatar
O que a vaidade perdeu!!

Novembro, 24, 1871.

BULHÃO PATO

Co'a tua finura immensa,
Não exprimia ninguem,
Nos olhos a indifferença,
E nos labios o desdem!

Eu cheguei a duvidar
Se o que tu hontem fazias
Era, emfim, o que sentias,
Ou se era representar!

Imagina que será,
Quando eu proprio tive medo,
O que elle, oh Deus! sentirá,
Não sabendo do segredo!

Fascinadora infantil,
Porque armei eu—na verdade—
Dos espinhos da maldade
As rosas do teu abril?!

Creança arrebatadora,
Depois de vêr-te pensei—
E quasi que tremo agora
Dos conselhos que te dei!

Bulhão Pato

Dezembro, 2, 1871.

A BULHÃO PATO

Doutor, dê-me esses conselhos
que a gente fazem feliz:
peço-lhe, e peço de joelhos,
ouça a enferma o que lhe diz.

Elle—sabe?—elle anda agora
tão differente!... ó Deus meu!
quando o comparo ao d'outr'ora
parece o retrato seu!

Elle olha ás vezes — sim, olha —
mas, d'antes não era assim!
Por mais bem que lh'o acolha
seu olhar não pára em mim.

Não pára nunca! tem medo
de que os meus olhos, ó Deus!
lhe arranquem d'alma o segredo...
e foge-me então c'os seus!

E se os demora um momento,
eu bem sinto, inda é peior;
que o olhar do pensamento
vae longe, seja onde for.

Mas onde vae? Doutor, diga,
onde vae aquelle olhar,
que de medo que lh'o siga
passa por mim sem parar?

Anda a modo triste! abstracto!
sempre a scismar!... mas em quê?
Em que scísma aquelle ingrato,
que nem quando olha me vê?!

Choro, choro, e não me alegra
uma esperança sequer
da ventura... Ai! como é negra
a hora do anoitecer!

Já tenho os olhos vermelhos—
tanta lagrima eu chorei!
Doutor, depressa os conselhos...
Que hei de eu fazer? eu não sei...

Dezembro 26, 1871.

F. CALDEIRA

Á MINHA SYMPATHICA DOENTE

É já tarde!... o incendio lavra:
Ninguem lhe pode ter mão.
Não é capricho, é paixão...
É *morte*—n'uma palavra!

Em taes casos a sciencia
Não tem recurso nenhum.
Remedio... se achar algum,
Ha de ser na Providencia!

Que o ciume só tem cura
Applicando, e logo, logo,
O cauterio, o ferro em fogo
Em cima da mordedura.

«Elle offendeu-me! pois bem—
Já se me esquiva, já foge.....
Não ámanhã, porém hoje,
Faço-lhe o mesmo tambem!»

Mas o veneno traidor
Deixa influir de tal sorte,
E vem-me, ás portas da morte,
Dizer: «Salve-me, doutor!!»

....

Ha um meio, um palliativo:
Procurar um confidente.
Este remedio innocente
Ás vezes é decisivo!

Lance mão d'elle. O doutor
Não tem recurso efficaz;
E o que o medico não faz
Talvez faça o confessor!

BULHÃO PATO

Janeiro 12, 1872.

Á DOENTE DE BULHÃO PATO

Não tomes, pobre innocente,
Os conselhos do doutor.
Tisana para o amor
É o proprio amor sómente.

Confidencias?!... Esta é boa!
Confidencia é a mão do gato
Com que Esculapio se emprôa
Para apanhar o seu rato.

Cae-lhe aos pés... confessa... chora;
E tu verás com que ardor
O *santinho* confessor...
Tuas lagrimas devora!

E, cumprida a penitencia,
Dir-te-ha o *padre* audaz:
—«*Minha filha, é ter paciencia;*
«*Pague o mal que aos outros faz.*»

Nada, não! Amor... ás claras!
Esse, sim; cura de vez.
O mais é tudo entremez,
Gaiola cheia de *araras*.

Confissão cheira a peccado!
Não sendo peccado o amar
Com que fim esse endiabrado
Quer que te vás confessar?!

Deixa-o lá! Facultativos
Não faltam p'ra tal moleştia,
Anima-os tu co'uma réstia
Do sol de teus olhos vivos!

E entre tantos que animes,
Encontrarás—eu t'o juro,
Quem por seus dotes sublimes
Um ceu te dê no futuro.

F. PALHA

Janeiro 13, 1872.

Á MINHA INGRATA DOENTE

Já vejo o meu triste fim
N'esta renhida batalha!...
D'um lado o Francisco Palha,
E tu d'outro contra mim!

Elle tem recursos, tem!...
Possue o teu conselheiro
As pompas do curandeiro
E graça como ninguem!

Os versos são tão bonitos!...
Mas não te fies, por Deus,
N'aquelles conselhos seus
Que são conselhos malditos!

Com rosto grave e sereno
De Santo Christo Allemão,
Esse grande maganão
Foi toda a vida um veneno!

«Amor ás claras!...» que horror!!...
Já vês que não fallou serio:
Quando se acaba o mysterio
Acaba o culto do amor!

Herege de profissão,
Vendo-te a morte imminente,
Inda quer—o impenitente—
Que morras sem confissão!

E tu a dar-lhe os amens,
Só pensando, em taes extremos,
Nos bens que no mundo temos
E não em mais altos bens!

....

Com tal enfermá e doutor
Protesto, juro, e rejuro,
Que nunca mais no futuro
Receito seja o que for!

Janeiro 15, 72.

A F. PALHA

Agora morro de certo!...
dil-o o doutor, e depois...
fazem-me junta, são dois!...
a morte deve estar perto.

Este agora é d'outra escola,
mas a falla folgasã
do sectario d'Hahnemann
ao menos inda consola.

—Mal d'amor, amor o cura!—
mas repare bem, doutor,
eu não me queixo d'amor;
quem se queixa da ventura?!

Um quadro é o mundo, da vida
copia apenas muda, inerte;
quem faz que a vida desperte
do lethargo immenso erguida?

O amor, o caro martyrio,
dil-o á lua o rouxinol,
a flôr ao raio de sol
o orvalho á folha do lyrio.

Dil-o a estrella ao firmamento:
dil-o aos ares a andorinha:
a rôla á balsa onde aninha;
dizem-no as nuvens ao vento.

E eu amo muito, mas creio
que ninguem d'amor se queixe;
receio que *elle* me deixe
e mata-me este receio.

Tenho ciumes, não minto,
quando estamos ambos sós
anda um phantasma entre nós
que eu não vejo, mas que sinto!

Um vulto vago, cambiante,
transparente para mim,
que atravez d'elle inda assim
sei fitar o meu amante.

Para elle é differente;
de seus olhos na insistencia
perde o vulto a transparencia
vendo elle o vulto sómente.

Todo o mal que me consome
é de ciume e não d'amor,
receite pois, mas doutor
olhe lá não troque o nome.

FERNANDO CALDEIRA.

Lisboa, 15 de janeiro de 1872.

A BULHÃO PATO[1]

Acudindo a quem o chama
Por que soffre o mal d'amor
Não só augmentou a fama,
Ganhou o grau de doutor.

[1] Estes versos são d'uma senhora. Não pude conseguir que os firmasse com o seu nome.

Occulta-se na sombra este delicado espirito.

Esposa e mãe dedicadissima, nas horas de ocio, cultiva as letras com finura de gosto, bem rara entre nós.

Renovando os meus agradecimentos pelos seus graciosos versos — beijo-lhe as mãos com profundo respeito e sincera estima.

Mas quando os seus versos vi,
Foi tal o espanto meu,
Que duvidei se era seu
Este conselho que li:

Elle offendeu-me, pois bem:
Já se m'esquiva... já foge...
Não ámanhã porém hoje
Faço-lhe o mesmo tambem.

....
....

Se a mulher que é dedicada,
Sente paixão verdadeira,
Passa até a vida inteira
Amando sem ser amada.

Deixa de amar quando quer
Quem ama com tanto amor?
Ora diga-me... Doutor,
Que idéa faz da mulher?

Julgue-a lá como entender,
Não lhe aconselhe a vingança,
Dê-lhe o balsamo da esperança,
Que é calmante no soffrer.

Se julga o caso perdido,
Use da condescendencia
De chamar á conferencia
Algum collega entendido.

É caso serio, doutor,
Não receite de chalaça,
Que uma dóse de pirraça,
Não combate o mal d'amor.

Se os remorsos do peccado
Lhe dizem a contricção,
Que vá elle á confissão
Que anda mal encaminhado.

Diz o mundo que o doutor
Que aconselhou a doente...
É porque julga innocente
Servir-lhe de confessor.

A BULHÃO PATO E F. PALHA

Um dos medicos já foge!...
e o outro não tarda, contem:
despediu-se um d'elles hontem
e o outro despede-se hoje!...

Foi; não volta; assim m'o jura!...
E logo o meu assistente!...
Que tal elle acha a doente,
que assim desiste da cura!...

Deixam-me n'este abandono,
levam-me toda a esperança,
com quem me diz:—Descança,
dorme o teu ultimo somno!...—

Crueis!... Mulher, fraca, inerme,
quasi me sepultam viva!!...
Ah! se eu fosse vingativa,
Haviam de conhecer-me...

Sou nova e, dizem, bonita...
aposto, que um deixaria,
a sua eterna alegria,
e o outro a propria *Paquita?*

Vinham, oh! se vinham! logo...
demais a mais dois poetas!...
E ai! das azas borboletas
se a luz mostra o disco e o fogo!

Não quero. Podeis fugir-me,
não heis de ver-me um reflexo,
porque, apezar do meu sexo,
luz d'uns olhos, sou luz firme.

FERNANDO CALDEIRA

Janeiro, 16, 1872.

Á DOENTE DE BULHÃO PATO

Agora entendo. O teu mal
Vem da falta de costume.
Quem diz—*amor*—diz—*ciume:*
É cousa rudimental.

Tens na cabeça o defeito!
Pois tu não vês que é loucura
Chamar á causa—*ventura*,
E maldizer o effeito?!

Deliras, ou és injusta.
Amor é sempre creança;
Surrateiro as redes lança,
Mas qualquer papão o assusta.

E tu o que tens é medo;
E' interior convulsão,
Se, vendo as horas que são,
Elle te deixa mais cedo.

Medo da amiga que trazes
Nos passeios a teu lado;
Medo que algum estouvado
Lhe vá dizer—*Não te cases!*

Continuo tremor te anceia!
De dia... a scismar se te ama;
Á noite... voltas na cama
Porque quem ama não ceia.

Para tal crise o que eu penso
Ser necessario, é que o mettas
Numa das tuas gavetas
Entre um mandrião e um lenço.

Podes assim socegada
Dobrar o rigor do fisco.
Corres apenas um risco:
—É que t'o bife a criada.—

F. PALHA.

Janeiro, 17, 1872.

NA CONVALESCENÇA

(Ainda a proposito da minha doente)

CARTA A F...

A tua carta revella
O remorço pungitivo;
Dizes mais morto que vivo;
«Oh! meu Deus, como vae ella?!»

Vae melhor, muito melhor;
Mas inda assim quem me déra
A entrada da primavera,
Por que este inverno é traidor!

Na longa convalescença
Agora todo o cuidado:
O corpo é tão delicado,
E foi tão grave a doença!

Vejo bem que arrependido
Lhe vens implorar perdão;
Mas aquelle coração
Foi cruelmente offendido!..,

Não t'a descrevo: imagina
O ideal do sentimento:
Concebe em teu pensamento
A formusura divina!...

Tudo é vago: a pallidez,
O sorriso, o olhar profundo;—
Olhar que revella um mundo
Na quebrada morbidez!—

Hontem quiz aventurar
Uma fraze a teu respeito;
Mas, vendo-lhe o arfar do peito,
Não ousei continuar.

Os labios lhe estremeceram,
E logo depois, tranquillas,
Do azul d'aquellas pupillas
Duas lagrimas desceram!

Eu estou que te perdoa—
Apesar de ser immensa
A tua insolita offensa—
Por que aquell'alma é tão boa!...

Mas uma carta... inda é cedo:
Escrevendo-lhe podias...
Espera mais alguns dias:
Por agora tenho medo!

BULHÃO PATO

Fevereiro 16, 1872.

A JOSÉ ESTEVÃO

Eil-o junto de nós dormindo o somno eterno.
Na terra emfim descança ao pé do chão paterno.
Ao pae que tanto amor em vida lhe votou
Tambem na sepultura agora se abraçou.
Quando ao romper do sol alegre o ceu rebrilha,
Como anjo tutelar desce do empyrio a filha;
Bate as azas gentis por entre o cyprestal,
E solta hymno inspirado ao somno paternal.

Quem constante lidou, desde a mais tenra edade,
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,
Quando é chegada a hora e deixa a terra emfim,
Á entrada do outro mundo encontra um seraphim!

E quem pois o amor da patria
Com vehemencia egual sentiu?
Qual o peito onde surgiu
Mais ardente hoje esse amor?
Quem como elle, n'um só gesto,
Quando a turba se atropella,
Quebra as ondas da procella,
Resistindo ao seu furor?

E se a mão da prepotencia
Procurava erguer-se altiva,
Quem mais prompta, e quem mais viva
Tinha sempre a inspiração?
Era ouvil-o, ouvir a patria,
Quando exclama na anciedade:

«Liberdade, oh! liberdade!»
Com a voz do coração.

Ah! no exilio, quantas vezes,
Afogada entre gemidos
Murmurava aos seus ouvidos
A voz do paiz natal!
E ouvindo-a sua alma, em impetos
Do mais ardente heroismo,
Sonhava em transpor o abysmo
E libertar Portugal!

Então a graciosa aldeia,
O val coberto de ulmeiros,
Os ingenuos companheiros
De seus jogos infantis,
Tudo aos olhos lhe sorria,
Matisado por mil côres,
Montes, valles, prados, flôres,
Ceu e luz do seu paiz!

Rompe um dia aurora esplendida
O tambor toca a rebate,
No mais fero do combate
Entra, lucta, conquistou!
Conquista dos proprios lares!...
Mas do campo afasta a vista,
Porque emfim n'essa conquista
Sangue de irmãos se espalhou!

Era assim: tinha, luctando,
No olhar o fogo supremo,
Na voz o poder extremo
Que arrebata a multidão;
Desafiando o inimigo,
Entre as nuvens da metralha,
Era um tigre, na batalha;
Na victoria, era um irmão!

Termina a lucta fervida,
Cae na bainha a espada,

Retorna aos lares placidos
Da terra sua amada,
D'esta que berço e tumulo
Do grande genio foi!
Se nos assaltos bellicos
Distincto era o soldado,
Acções inda mais validas
Lhe destinava o fado;
Desprende a voz, e a patria
Saúda um novo heroe;

Quando se abatem animos,
Medindo a lucta immensa,
Quando n'alguns espiritos
Já desfallece a crença,
Surge imponente e mostra-lhes
Raiar nova manhã!
É porque o genio esplendido,
Que a liberdade inspira,
É como a voz prophetica,
Que outr'ora dirigira

Do Egypto um povo misero
Á fertil Canaan!

Quando, com olhos avidos,
Em torno a nós medimos,
A industria, o bem, a gloria,
Em tudo emfim sentimos
Que dera impulso maximo
Seu sopro animador!
Não raro correm lagrimas
De uma saudade infinda!...
Quanto não fez!... quantissimo
Tivera feito ainda,
Se o não roubasse subito
A morte ao nosso amor!

Dorme junto de nós, dorme teu somno eterno,
Na terra a que votaste o santo amor fraterno.
Ao declinar da tardê, ao rebrilhar do sol,
Na hora em que descante occulto rouxinol,

Virá tambem do empyrio, alegre philomela,
A tua ingenua filha, a pomba alva e singela,
Esvoaçar gentil por entre o cyprestal,
Soltando hymno inspirado ao somno paternal;
Porque emfim quem lidou desde a mais tenra edade
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,
Quando é chegada a hora e deixa a terra emfim,
Á entrada do outro mundo encontra um seraphim!

Fevereiro, 5. 1866.

A HELENA

Em dia de Anno Bom

Um anno mais vem á terra!...
Helena, em sendo crescida,
Verás um anno da vida
Quantos mysterios encerra!

Mas teu olhar infantil
Só póde entrever agora,
No ceu — os clarões d'aurora —
Na terra — as flôres d'abril! —

Todas as nuvens, bem sei!
São de rosa em tua idade...
E roxas como a saudade,
Nos annos a que eu cheguei!

Ó pomba, que o lar paterno
Convertes em paraiso,
Dissipa com teu sorriso
As sombras do nosso inverno!

Roga a Deus que a humanidade
Possa aspirar, no futuro,
As auras de um ceu mais puro
Apoz tanta tempestade!

Pedido dos labios teus
Póde muito!... Os pequeninos
Sabem segredos divinos...
Conversam muito com Deus!

E, eu, não tendo para dar
Nada aos pobres n'este dia,
Um dom de grande valia
Por ti lhes posso offertar.

Dom, nem de prata nem d'oiro;
Mas que por sua innocencia
Tem mais valores na essencia
De que o mais rico thesoiro:

A tua prece d'amor
Darei a quantos padecem:
Os homens pouco a conhecem:
Mas Deus sabe-lhe o valor!

Janeiro, 1, 1873.

A AVÓ E A NETA

Escondeis num denso veu,
Ó mães, vosso amor profundo!
Amor que é tudo no mundo,
Vida e morte, inferno e ceu!!

Ha dias que eu vi alguem
Em transes d'angustia infinda:
Era mãe...—ou mais ainda—
Era duas vezes mãe!

No rosto a neta gentil
Tinha as rosas florescentes,
E nos olhos innocentes
Os esplendores d'abril.

Soltava—e com que alegria!—
Os seus modilhos suaves.
Canta a infancia como as aves,
E bate as azas um dia!

Em se acabando os encantos
Da creança—o lar paterno
E como o bosque no inverno:
Não tem verdura nem cantos.

Uma tarde—era sol posto—
Queixou-se a graciosa infante.
Tinha a pupila brilhante,
E mais viva a cor do rosto.

A febre cresceu co'a aurora,
E já, num tremor convulso,
A avó, tentando-lhe o pulso,
Resava a Nossa Senhora!

Co'a febre veiu o delirio:
As contracções, de repente—
E aquelle botão nascente
Fez-se roxo como um lyrio.

As creancinhas de Deus,
Estas rosas sem espinho,
Vão-se como um passarinho;
Num ai nos dizem adeus!

Em dor sobre-humana absorta
A avó dizia, coitada:
—«Meu Dens, não ha de ser nada!»
E a nĕtinha estava morta!

. . . .

As mães que pensem n'est'hora,
—Porque a palavra o não diz,—
Na angustia que essa infeliz
Estará sentindo agora!

. . . .

Deus conserve a flor ao prado,—
Enthusiasmo á juventude,—
Ao coração a virtude,—
Á mãe o filho adorado!

Dezembro, 25, 1871.

OS NOIVOS

A D. M. A. VAZ DE CARVALHO

HOMENAGEM AO SEU PEREGRINO TALENTO

OS NOIVOS

«Se passares pelo adro,
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não gaste
As tranças do meu cabello.»
CANÇÃO POPULAR.

I

A aldeia é de pescadores.
Por essas costas do mar,
Quando as tormentas começam,
Aquillo é que é labutar!

Ás vezes um mez a fio,
O vento sem acalmar,
E os vagalhões dia e noite
Nas rochas a rebentar!

Algum remedio, e bem pouco,
Que tanto custa a juntar,
Pois basta um mez de invernia,
Nem tanto, para o levar!

Que vida a da pobre gente,
Quando começa a luctar
O vento bravo co'as ondas,
Por essas costas do mar!

II

Ha quatro casas e a ermida
De pedra e cal, o demais
Choças de colmo que ás vezes
Destroem os vendavaes.

Mas quando chega o bom tempo,
E a pesca não escaceia,
Respira toda alegria,
Apesar de pobre, a aldeia.

Daniel é moço e forte;
Ninguem com elle compete,
Já no saber, já no arrojo
Com que a todo o mar se mette!

Vê-se uma negra de peixe —
Ás vezes mal se tem visto:
Lá vae co'a sua companha
Por esses mares de Christo.

Tem fé co'a Virgem do Amparo,
E alguem diz que a devoção
E' por ser Amparo o nome
De certa rosa em botão.

D'entre as demais raparigas
Só ella não é trigueira,
Tambem não se expõe ao tempo,
Trabalha como rendeira.

Lidar de noite e de dia,
Com tanto affinco, é bem raro!
Esteio da mãe velhinha,
Bem posto o nome de Amparo!

Daniel, n'aquella aldeia
Onde o viver é tão parco,
Já tem um barco, e tem redes,
Que valem mais do que o barco.

III

A mutua affeição dos dois,
Que era na infancia amisade,
Tornou-se em amor, depois
Que entraram em certa idade.

Elle quiz-se declarar,
E com voz entrecortada,
A custo poude fallar:
Ella é que não disse nada!

Sentindo agitado o seio,
Não raro diz a innocencia,
Com a mudez do receio,
Bem mais que a voz da eloquencia!

Que importa o que os labios calam,
Quando as palavras se prendem?
Tambem as flores não fallam,
E pelo aroma se entendem!

E' que esse aroma, imagino
Que será, talvez, na flor
O mesmo effluvio divino
A que chamamos amor!

IV

Amparo tinha no rosto
Uma expressão de ternura,
Que lhe dava mais encantos
Do que a propria formosura!

Os olhos azues purissimos,
E de transparencia tal,
Que deixavam ler no fundo
Da sua alma virginal!

O cabello loiro-escuro,
Tão basto, tão annelado,
Que era um primor, posto em tranças,
E um enlevo, desatado!

No tempo em que era creança,
E de genio folgasão,
Com as outras raparigas,
Pelas tardes de verão,

Andava a brincar na praia,
E a espreitar de quando em quando:
Os hombros nús, mais que os hombros...
Emfim, co'as ondas folgando.

N'isto vinham os rapazes —
Mas o cabello era tanto,
Que sacudia a cabeça,
E servia-lhe de manto!

Ao amado da sua alma
Deu ella um dia, em secreto,
Um annel d'esses cabellos,
Penhor de sagrado affecto!

E elle, cheio de alvoroço,
Sem hesitar um momento,
Para pagar-lhe a fineza,
Foi pedil-a em casamento.

Fundiam-se aquellas almas
Em celestiaes alegrias:
Ha dias do ceu na terra!
Eu creio que ha d'esses dias!

V

Uma tarde, era nas vesperas
De se fazerem as bodas,
Os pescadores na costa
Largavam as redes todas.

O ceu estava sereno;
Era propicia a estação:
Logo em entradas de outono,
Dias como de verão.

Porém o vento levanta-se,
E quando menos se espera,
Seja verão, seja outono,
Seja inverno ou primavera.

Daniel, deixando os outros,
Com a companha a seu cargo,
Fez-se ao mar, largando as artes
A duas leguas de largo.

O peixe dava em cardumes;
Lidando não attentaram
No aspecto de certas nuvens
Que no ceu se agglomeraram.

Dentro de pouco os relampagos
Nos ares a fuzilar,
E o vento a picar as ondas,
E as ondas a rebentar!

Podiam correr á pôpa,
Mas não sem todo o cuidado,
Que á pôpa, em caindo tempo,
E' navegar arriscado.

A véla posta nos rizes—
O vendaval carregava—
Como um falcão corta os ares,
O barco as ondas cortava!

Amparo, sobre um penhasco,
De mãos postas a resar:
A morte no arfar do seio,
Ancias de morte no olhar.

Elles já perto da costa,
E o povo junto a dizer:
«Se o barco vem aos cachopos
Só Deus lhes pode valer!»

Tentaram fazer-se ao largo,
Luctando co'a morte a braços;
Mas deram sobre os rochedos,
E o barco fez-se em pedaços!

Salvou-se toda a companha.
Daniel inda se ouviu
Bradar: — «Ó Virgem do Amparo!»
E nisto não mais se viu...

A noiva soltara um grito;
Mas quem lhe fôra acudir,
Vira-lhe o rosto sereno,
E até a bocca a sorrir!

Aquelle grito estalara-lhe
As fibras do coração,
E a infeliz, nesse momento,
Tinha perdido a razão!

VI

Passados dias, Amparo
Punha-se á beira do mar,
A olhar—como quem espera
Por alguem que hade voltar!

E os que passavam ouviam-lhè,
Sem que ella désse por tal,
Repetir estas palavras
D'uma tristeza mortal:

«Devem cumprir-se os pedidos
D'aquelles que vão morrer;
Uma só coisa te peço,—
Mas que tu me has de fazer:

«Se passares pelo adro,
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não gaste
As tranças do meu cabello.»

E depois, soltando as tranças
Á larga brisa do mar,
Repetia inda estes versos,
E desatava a chorar!

Janeiro—1871.

SATYRAS

Virtutem videant intabescant que relicta!

A. PERSIO. SATYRA III.

SATYRAS

VICTOR HUGO NO CALVARIO

Un homme de génie apparait. Il est doux,
Il est fort, il est grand; tl est utile á tous.
....
....
On le siffle. Si c'est un poete; il entend
Ce chœur: Absurde! faux! monstrueux! révoltant!
Lui, cependant, tandis qu'on bave sur sa palme,
Debout, les bras croisés, le front levé, l'œit calme,
Il contemple, serein, l'idéal et le beau!

V. Hugo—*Contemplações*.

Á vante, um passo mais,—já foi apedrejado!
A cruz virá depois: é bem crucificado.
O dragão da virtude afoga a liberdade.
Vamos, o ensejo é bom; homens da humanidade,

Que futuro não ri ás vossas ambições!!
Passada a ferro frio a escoria das nações:
Roma escrava outra vez: a França realista:
O imperio na Allemanha em nome da conquista:
Em derredor do solio a esplendida nobreza:
A canalha no pó: a classe da riqueza
A esmagar com o pé a esqualida miseria,
Entregando o poder nas mãos da gente séria!

Já um dia em Paris a honrada burguezia
Fraternisou tambem co'a santa clerezia,
Protegeu à matança, e depois d'esse horror
Assentou sobre o throno um certo imperador.
Veio a paz, engordou—embora amordaçada,—
O clero a dominar a plebe fascinada;
Nos campos a nudez, nas côrtes a opulencia;
Os excessos do luxo a darem na demencia;
Censura ao pensador, licença ao imbecil,
Ao zombeteiro estulto, ao escriptor mais vil.
Que succedeu depois?—o tronco derrancado
O fructo que produz é fructo desgraçado.

O direito era a força, e julgando-a tamanha
Claudio ousou provocar os brios da Allemanha.
O clero abençoava o protector de Roma:
Rugia o seu leão e sacudia a coma.
De repente a panthera atira-se ao leão,
Mas encontra na garra um Cesar charlatão.

No entanto, similhante ao pastor de Virgilio,
A tudo isto acudia o poeta do exilio.
Os *Castigos* agora, e logo os *Miseraveis:*
Dois livros immoraes, absurdos, detestaveis:
Um punia um tyranno, outro exaltava os justos;
Mas quem póde tocar na fama dos Augustos?

Desfructava Paris completa liberdade;
Excepto a de fallar em bem da humanidade!
O resto tudo o mais!—Ninive d'outros dias
Na insania do impudor não teve mais orgias!
Engrossava, porém, a bolsa ao capital
Que via no governo as glorias do ideal!

A França era Paris! a torpe agiotagem
Quanto era aspiração sumia na voragem!

De quando em quando, ao longe, a voz do genio ousava
Avançar uma idéa; o despota açulava
A caterva servil dos seus aduladores
E o canino rancor dos baixos escriptores
Uivando a remorder no grande pensador!
A plebe cortezã, em volta do senhor,
Começava a sorrir do velho decadente,
Dizêndo com desdem: «Coitado, está demente!»

A demencia é pairar acima do vulgar!
Onde a inveja não vae ninguem póde chegar.
Quando recresce a luz do dia mais brilhante
Ousam cravar no sol a vista penetrante
As aguias da montanha, emquanto se deslumbra
A pupila do mocho em face da penumbra!

Nocturnos animaes, como que viveis na sombra,
O bello, o grande, o bom, vos morde e vos assombra!

Não soou, inda não, ess'hora millenaria
Que vos ha de acabar; mas a fortuna é varia—
Caducos do passado—e já começa a abrir
O sol que ha de innundar os dias do porvir!

No teu retiro, ó genio, escuta com piedade
O vulgacho a mofar da tua heroicidade!
Foste bem lapidado—escrevedor infame
Do Hernáni, Marion, Ruy-Blas, e Notre-Dame!!

Junho, 20, 1871.

A VELHICE DO SECULO

Ao ill.^mo e ex.^mo sr. visconde de Castilho

Ruit cœlum
Virg.

I

O seculo envelhece! Após os roxos lumes
De auroras juvenis, que avivam os perfumes
De flôres que ámanhã nas hastes murcharão,
A luz occidental esvae-se na amplidão
Dos véus horizontaes, nas trevas abatidos!
Por toda a parte alem se escutam os latidos

D'essa matilha infame, innumera e brutal,
Que o olor das podridões, que o Espirito do Mal
Convoca ao pasto immundo, ao lugubre conforto,
Em torno do que morre, ou do que está já morto!
Já no escuro do chão serpeia o verme vil
Que nas brumas do inverno encontra o pleno abril!
E através do ouropel, que a vista ainda affaga,
Mas no amago do qual verdeja funda chaga,
A gangrena, atacando almas e corações,
Corrompe o leite em fel no seio das nações!

O seculo envelhece! e que velhice pobre
De miserias sem fim as cans por hi lhe cobre!
Esse mar de paixões em que elle boia á flôr;
O goso do prazer levado até á dôr;
A dôr, que é sempre cruz, violentada em risos;
Esse artificio todo em que saccode os guisos
O corpo social, qual pallido histrião
Que, quando aluga o braço, aluga o coração;
Toda essa hypocrisia; esse trabalho todo
Com que se doira em luz o que por dentro é lodo:

O que na idéa põe, sem visionario véu,
Os sonhos de Jacob ante os degraus do céu;
Todas as tentações de todas as serpentes;
Todo esse marulhar dos peitos e das mentes
Em torno do que chora e em volta do que ri,
Arrastam para a tumba—aberta já de ali
Em presepe infantil de algumas novas eras—
Este seculo vão, que, em suas primaveras,
Julgava, Atlante audaz, sobre o costado erguer
O mundo á perfeição de algum eterno Ser,
E que hoje estonteado, asthmatico e tolhido,
O olho fechado á luz, ao som fechado o ouvido,
Qual, como ao desfazer de torpe bacchanal,
O ebrio passa da mesa ao leito do hospital,
Com o tropego pé e o dedo mal seguro
Bate cambaleando ás portas do Futuro!

A lingua pervertida affronta a idéa, e traz
Esmagada a rasão e espavorida a paz!
O rotulo quer ser a lei da humanidade!
Sabeis o que se chama a flôr da liberdade?

Tinge-lhe a côr do sangue o lemma que ergue á luz,
E na dextra crepita, á beira em taça a flux,
O espumante licôr de alguma orgia immensa.
A coma, erguida ao vento, açoita em nuvem densa
O peito chato e nú da esteril cortezã,
Onde nunca, entre riso e angelical affan,
Poz a maternidade um fio só de leite!
Que, apenas, se humedece em horas em que deite,
Da amphora de qualquer diabolico festim,
A mão, tremula já, qualquer licôr emfim
Que em ondas difundido, e em titubante enleio,
Cae do cristal no labio, e cae, de ali, no seio!

Pobre democracia! Anjo immortal do Bem!
Que, outr'ora, pelo azul libraste a aza, além
Ao esplendido clarão das redempções humanas,
Que turba hoje nas mãos te mette as verdes cannas
De uma irrisão atroz? e que horrido tropel
De mil centuriões te chega á bocca o fel
Na ponta de metal que já rasgou teu peito?
Que torva cerração? Que temporal desfeito

Te vem de trevas só, d'espumas alagar?
Em volta de ti ruge o tormentoso mar
Em que, no revolver do pelago infinito,
Cada marulho é braço e cada vaga um grito!
Mar de sonhos ruins; de impetos pela fé
N'um porvir que se esvae, se se lhe chega ao pé!
De miserias, que o são, e de afflicções mentidas!
De chispas sem calor! De invejas mal soffridas!
De dôr accumulada á flôr do coração!
D'espiritos sem luz! D'estomagos sem pão!
Oceano onde, o que aspira ao que no oiro se come,
Se aproveita da mão de tudo o que tem fome!
E onde o genio infernal das anniquilações,
Se o pomo appetecido esmagam os tufões,
Saturno, que a alma traz no gume dos colmilhos,
Á falta de manjar, devora os proprios filhos!

Quem quer que sejas tu, do mundo antiga lei,
Acaso ou providencia! em frente á qual não sei,
Em minha pequenez, mais que baixar a fronte,
Sem poder devassar os pincaros do monte

Onde não chega o vôo em que andam, rez do chão,
Sustidas pelo Facto as azas da Razão!
Tu, do progresso ó lei! que sempre tens levado,
A caminho do sol, o mundo equilibrado
No arco, sempre em labor, da fulgida spiral!
Aguia aqui, mariposa além, mas a final
De ti sempre deitando, ou aguia ou mariposa,
Sulcos de luz no ar e beijos sobre a rosa!
Ampara com teu braço a morbida cerviz
D'essa multidão rude, em rudes alcantis
De olhos fitos no abysmo e de halito arquejante,
Coleando na fraga e na urze a cada instante,
Norte ao porvir, porém, que, qual mulher de Loth,
Julga vêr adeante e vê para atraz só!

Depressa que, senão, morre, em suicidio novo,
O porvir popular ás proprias mãos do povo!

Volve-se o olho, cançado em tanta embriaguez,
Mas não muda com elle o que mudar o fez!

Além no polo opposto aos dentes com que mordem
Os appetites maus da plebe, as garras da ordem
(Ou do que rouba o nome e as azas de oiro e anil
D'esse anjo tutelar, em mascaras ás mil)
Rasgam com furia igual, e igual tenacidade,
Sempre o outro flanco nú da enferma sociedade!
Pois a ordem, Amalthea uberrima, anjo bom
Cujo regaço é berço, onde se emballa ao som
Da encarnação da idéa em forja, ou penna, ou malha,
O futuro inda em flôr de tudo o que trabalha!
Orbita sideral, traçada em pleno azul,
Onde gravita a paz, sol que, de norte a sul,
Traz no raio a explosão da vida inda latente
Em que dormita o fructo ao cabo da semente,
Que espargida no solo, ou seja idéa ou grão,
Floreja em liberdade, ou fructifica em pão!
Pois essa ordem, que é mãe, palavra que diz tudo:
Ventre que gera, mão que ampara, labio mudo
Para a condemnação, mas que fallou de amor,
Poderá nunca ser o estupido lictor,
Que só pensa na vara equilibrar o mundo?

Enganas-te, lictor, no calculo profundo!
O povo já cresceu! Já longe o tempo vae
Em que, debil creança, além tropeça e cae
Se do estabulo á porta, apavorando-o, assoma
O vulto consular de algum corcel de Roma!
E quando o povo cresce, esplendida maré,
É o corcel quem cae, ficando o povo em pé!

Para que, pois, em vez do amor e do conselho;
Da concessão, reparo; e em vez do exemplo, espelho,
O aguazil e o algoz, uivando em plena paz,
Matilha de chacaes, no rasto e sempre atraz
Do intangivel brandão de alguma idéa extrema?
Ou quando a guerra escreve, em lugubre poema,
As rimas infernaes da bomba e do canhão,
A balla do arcabuz lançando ao pó do chão,
—Cobarde disonancia em metro tão altivo—
O aberto coração de quem, tomado vivo
E morto assim depois, á cova leva em si
O adubo necessario a novo phrenesi?
Para quê, se o carrasco, ao cabo da epopéa,
Póde o molde quebrar mas não fundir a Idéa?!

Ordem, que és voz do ceu! Como reflectirás,
Tu, que és sempre a harmonia! a voz de Satanaz
Na lingua de metal de algum bezerro de oiro?
Como reflectirás, harmonico thesoiro,
No dulcissimo tom do célico clarim,
O latir da facção, do rabido mastim,
E os ais do egoismo vil, da assustadiça lebre
Que se requeima na ancia e no calor da febre
Se o medo de uma folha algum rumor subtil
Multiplica em trovão nos echos do covil?

Como reflectirás (sacrilegos esgares!)
O rumor com que o esbirro, á sombra dos altares,
Pretende encoronhar o cano do arcabuz
No lenho, todo amor, da luminosa cruz?

A pergunta é bem triste, e tristes as respostas,
Mas silencio, anjo bom! basta que, de mãos postas,
Voltando a espadua ao mundo e da calumnia aos reus,
Silenciosa aponta as orbitas dos ceus!

II

O seculo envelhece! E quando de soslaio,
O velho, que foi sol, mas que do ceu baixou,
Não póde, nem sequer á luz de obliquo raio,
Agigantar em sombra o que inda em pé ficou;

Quando as neves das cans, pendendo em fronte curva,
Cratera, que abateu, de rubido vulcão,
Descem a arrefecer, em gotas de agua turva,
O logar onde foi o que era coração;

Essa velhice assim, em vez de flamma ardente,
É cinza! E a cinza póde, em duvida fatal,
Tanto adubar do Bem a provida semente,
Como a negra raiz de alguma flôr do Mal!

Qual é pois o embryão da planta por que espera
O sulco aberto já, caminho do que fôr?
E onde insciente as forças retempera
De um torrão que nem sabe o que é semente ou flôr?

Bracejará no espaço o tronco da oliveira?
Será rubra papoila o que reflorirá?
É balsamo ou veneno o que da enorme leira
A mão da humanidade appropinqua já?

Como sabel-o, ó Deus! Se nem sequer o sabe
Quem, do trabalho, ao cabo, o fructo lhe colher!
Se não se póde ouvir, sem que o grangeio acabe,
Se soluça uma dôr, ou canta algum prazer!

Como? Se sob os reis, além, nas cumiadas,
Os thronos a tremer começam por si só,
Sem que se saiba d'onde irrompem as lufadas
Que moem sceptros de oiro em vagabundo pó!?

Se, em collo roto e nú de estatuas já sem cultos,
Aninha a ave nocturna em velha cathedral,
Sem que os olhos no escuro enxerguem bem os vultos
Que apagam, revoando, a alampada final?!

Se a lei, por toda a parte, enlaça, peito a peito,
Os braços com a força, em duvidoso arcar;
E a Liberdade, triste, encosta a fronte ao leito,
Onde a Chimera azula o sonho popular!?

Como? Se tudo é mar de nebulosas scenas!?
Se nas brumas até da immensa cerração,
Já no occidente, o sol, como que esboça apenas
A curva sideral de uma interrogação?!

III

Triste interrogação! Pergunta a que, em demencia,
Póde a voz responder, mas não a consciencia!
Como ave, que um tufão levou de noite ao mar,
Absorta vendo ali, já tropego o voar,
Que, se procura a balsa, acha agua só; e arminho
De alvas espumas só, quando procura o ninho;
Em plano que se abate, em nó que se contrae,
Desce, desce, a aza em ancia, até que tonta vae,
Molhando na agua a penna, alfim cair nas aguas,
Assim o homem, perdido em barathro de maguas,
Naufraga de cançaço ao cabo do labor
Com que busca no que é o arcano do que for,
E em roda um mar immenso, erguido em mobil serra,
Nem dá pelo cair d'esse atomo da terra!

Seculo dezenove! Acaba de morrer!
Tua velhice é má! Depressa! Que o nascer

Da Phénix só de cinza em meio se elabora!
E se d'essa avé, além, nos porticos da aurora,
Tem de resplandecer o redivivo azul,
Que, qual fatuo clarão sobre lethal paul,
Tua chamma sinistra, em rapida modorra,
Suba, desça, vacille, e relampeje e morra!

E quem sabe? Talvez que no atrio do que vem
Já balbucie em berço algum vindouro bem?
Qúem sabe se esta dôr em que estremece o mundo;
Esta vaga anciedade; este roer immundo
De um cancro social na fibra das nações,
Não são presagio e alvor de novas redempções?
Quem sabe se esta morte é necessaria á vida,
Como o negrume e o raio, em pavorosa lida,
Ás elaborações da gota pluvial?
Quem sabe se no throno a purpura real,
Haurindo uma lição do pó que a envolve em rolos,
Se enrolará depois em ninho de consolos
Sob o paterno olhar de desvendados reis?
Ou se o throno tiver, em lugubres parceis,

De expiar no gemer das tábuas descosidas
As velhas tradições, em que andam confundidas
Nos crimes de Saul as glorias de Israel;
Quem sabe se depois, já mansa, de cruel,
E de materno amor preza em mimosos nastros,
A loba popular que hoje uiva em frente aos astros
Que inda luzem no ceu—mas que, incessante, roe
O attricto do que rasga e o pranto do que doe—
Conchegará, piedosa, ao peito intumecido
Em leite puro, o labio inda recem-nascido
De nova sociedade? E se, do fundo algar,
Onde a fera nutrir o infante popular,
Banhando o mundo em luz, de ali surgir-nos hade
A mão de productiva e santa liberdade!?

Ora em luz, ora em véus, tem do progresso a lei
Sido constante sol á numerosa grei
De extinctas gerações! Pois sonhe ao menos a alma
Que, por detraz da nevoa e em protectora calma,
Aquelle velho amigo, esplende sobre nós!
E se elle alguma vez tiver de entrar nas mós

Do cahos, do factor de universaes ruinas,
Esperemos que, á luz das palpebras divinas,
Ao menos esse sol, quando cair do ceu
No servedouro atroz do immenso mausoleu,
Esplendoroso pó de sideraes procellas,
Se partirá no abymo em pallidas estrellas!

Abril, 1871.

CLAUDIO JOSÉ NUNES.

A VELHICE DO SECULO?!...

A Claudio José Nunes

Não envelhece, não!—Poeta, pára e pensa!
Tem no peito a velhice o vivo ardor da crença,
No braço juvenil poder de destruir
D'um só golpe o passado e crear o porvir?!
Onde tu vês a noite a caminhar agora
Contemplo o despontar d'uma punicea aurora;
Onde um *seculo vão* apenas descortinas,
Vejo a luz immortal de inspirações divinas:
Vejo um seculo audaz, Sansão que, em pleno dia,
Abraçando a columna, abate a tyrannia!

Que importa o referver da espuma das paixões?
Em vindo o furacão tambem os vagalhões
Tem a espuma ao de cima, a vasa, o lodo vil.
Enturvada a corrente a vista mais subtil
Que póde descobrir?... mas cesse a tempestade,
E serenado o mar,—responde-me a verdade:
Aquelle que abysmar no pego o olhar profundo,
Não verá branquejar as perolas no fundo?
«Ebrio passa da mesa ao leito do hospital»
De tal modo apodaste o seculo actual!
Porque? porque em seu curso affronta o cesarismo
Procurando extinguir os crimes d'esse abysmo
Corrompido e fatal, que fez da altiva Roma
A baixa cortezã, tão vil como Sodoma!

Em meio d'este horror que exige o povo agora?
Ao passado diz: «Basta! Ha muito que devora
A classe do trabalho a sede, a fome, a peste,
Em quanto o capital de pompas se reveste,
Exulta no esplendor das salas deslumbrantes,
Adormece feliz nos braços das amantes,

Embriaga-se á mesa, e ri-se com desdem
D'aquelles que nem pão sequer ao menos tem!
E nós da aurora á noite embalde transudamos!
Ao cabo do caminho apenas encontramos,
Exhauridos de força, o leito do hospital,
E algum descanço, emfim, na valla sepulchral!»

O seculo que faz?—á nedia burguezia
O que ella fez tambem á flôr da fidalguia,
Quando teve nas mãos poder de a debellar.
Pede contas. Então, que tem de singular?

Os direitos feudaes, o dizimo, as commendas,
A pingue conezia, as optimas prebendas,
Tudo era regular, e vinha do passado
Por direito de herança—apenas contestado
Por um bando soez de certos jacobinos
Maltrapilhos, vilãos, covardes, assassinos,
Que ousarem propagar, por entre o vituperio,
O que Jesus prégou no tempo de Tiberio;

E nos deram a nós, os homens d'hoje em dia —
Escravos de outro tempo — a carta d'alforria!

O sangue! Ousa fallar em sangue derramado,
Talvez, o imperador ha mezes coroado!
Alma quasi infantil, ingenua, affectuosa,
Ergue os olhos ao ceu e participa á esposa:

«Cem mil homens no pó, varridos da metralha.
O sangue foi um mar no campo da batalha!
Louvemos o Senhor!! — A Providencia quiz
Que eu fosse imperador e tu imperatriz!»

E Deus exclama então: — «Mandei ao mundo Christo
Para egualar irmãos, e os grandes fazem isto!
Não o torno a mandar. No povo ha consciencia;
Em julgando que é tempo esmague a prepotencia.»

Quando a *avalanche* cae do pincaro da serra
E se funde no valle, a cheia alaga a terra.

Então apavorado o espirito mais forte
Suppõe que é tudo horror, devastação e morte!
No curso impetuoso a turbida caudal,
Abysmando a campina, ameaça o casal;
Mas, quando ella passar, verão como deixou
Nadando na abundancia a terra que alagou!

Espumante caudal, torrente das ideias,
És fecunda tambem como estas grandes cheias!

Aquella parte vil que assola hoje Paris
Em presença do imperio abateu a cerviz.
Se o imperio voltar ha de cantar-lhe hosanas.
É fatal condição das miserias humanas.
A escoria não se liga ao melhor dos metaes?
Desde que o mundo é mundo existem homens taes.

Tudo que é grande e bom antes que veja o dia
Tem a noite primeiro, a bachanal, a orgia,—

A protervia do cego a traspassar na cruz
Com o ferro da lança o lado de Jesus!

Demolir é cruel. Quem póde, n'um momento,
Ver no chão, sem tremer, vetusto monumento
Que desde a infancia amou?! Mas consta que existisse
Um grande facto, emfim, em que isto se não visse?

Pois ao mundo pagão que fez o christianismo?
Demolir tradições, arrojal-as no abysmo!
A reforma que fez, e que fez a Inglaterra
Quando quiz libertar do jugo a sua terra?
Demoliu o que poude, e segue a demolir,
E mais demolirá n'um proximo porvir!

É forçoso dizel-o: aterra, na verdade,
Este insano lavor da vasta humanidade!
Condemnada estará, por influxo do mal,
A rolar na montanha o rochedo fatal?!

Oh! não!—Quando o saber illuminar os povos
Então hão de surgir os horisontes novos;
E a ideia que hoje vês, por tantos insultada,
Com as bênçãos de Deus será glorificada!

Maio, 14. 1871.

A PROPOSITO DO FUSILAMENTO DE ROSSEL

Hontem em Satory tres postes levantados,
Tres homens da communa á morte condemnados.
Um d'elles, um heroe, votára a juventude
Ao santo amor da patria, ao culto da virtude.
Nublado estava o ceu; a aurora era sombria.
No dia millenario em que Jesus morria,
Pregado sobre a cruz do solitario monte,
Dizem que o sol de Deus tambem velára a fronte!

No extremo das paixões, insana, fratricida,
A escoria de Paris bramia enfurecida.
O incendio, o latrocinio, a morte, o fundo horror!...
Veiu a força e conteve o bando assolador:
Metralhou sem piedade. Era o castigo urgente
E castigo exemplar!—Punida aquella gente,
Constitue-se na paz um certo tribunal,
E decreta depois o assassinio legal!!

Dezembro, 1871.

DÁLILA

Que singular mulher! que extranha formosura!
Tem tudo—o andar, o gesto, a graça da figura!
No purissimo azul dos olhos cristalinos
A luz que nos transporta aos extasis divinos.
Casando-lhe a altivez co'a timida innocencia,
Deu-lhe ao rosto o ideal a mão da Providencia.
O devoto dirá, vendo-a resar no templo:
«Não póde ser do mundo aquella que eu contemplo;

Se és anjo implora a Deus o bem da humanidade!»
Tal assombro produz a magica beldade!

Pois bem, esta mulher—mulher unicamente—
Enreda, calumnía, infama a toda a gente.
No livro de orações á margem tem marcado
O dia da entrevista, o ponto combinado.
Uma vez escondeu, por ser o caso instante,
No berço d'uma filha as cartas d'um amante.
Profanando, sem alma, o coração do lar,
Profana tudo mais: a prol, o templo, o altar;
Mas como entra no mundo aparatosa e rica
Co'as virtudes da santa o mundo se edifica!

Um dia uma infeliz amou—a juventude
Tanta vez se alucina e tanta vez se illude!—
Fundiu o coração num coração traidor;
Deslumbrou-lhe a rasão um torpe embaidor;
Do sonho acorda emfim, o veu se lhe descerra,
Tem nos braços um filho e mais ninguem na terra!

O mundo que applaudiu as galas deslumbrantes,
Da perfida ao marido e perfida aos amantes,
Co'a implacavel moral que inflama a gente seria
Desampara a infeliz prostrada na miseria!

Bemdicto seja Deus!—os que mais fazem d'isto
Andam sempre a invocar teu santo nome, ó Christo!!

Abril, 16, 1872.

O SAPO LEGISLADOR

Lá vae correndo agora as ruas da cidade,
A quatro, um titular da grande sociedade.
Que aparatoso trem, que fardas de espavento!...
Pasma o futil vulgacho em face do portento!...
Quem é?—sabem quem é: conhece-o todo o mundo:
Um nobre, um Par do Reino, um sapo nauseabundo,
Que á plena luz do sol, viscoso e repelente,
Ou na praça ou na rua ennoja a toda a gente!

Este illustre varão, poço de iniquidades,
Tem—faculta-lhe a lei—varias immunidades.
Póde até legislar!—ó povo desgraçado,
Decide-te da sorte o voto d'um forçado,
Que, se houvesse moral, já não seria extranho
Vêl-o co'a braga ao pé a trabalhar no banho!

Abril, 17, 1872.

A VIUVA E O BURGUEZ HONESTO

Ha mezes espirou, depois de haver luctado
Durante a vida inteira, um pobre desgraçado.
Deixou filho e mulher: um filho em tenra edade.
O medico, a botica, a longa enfermidade,
Exhauriram de todo o resto que existia
Junto pelo trabalho e extricta economia.

Pouco tempo depois da morte do marido,
Entra a justiça em casa: o fisco é decidido:
Quem deve hade pagar: conforme... mas... emfim,
Co'a pobre da viuva o caso foi assim.

Dinheiro não havia; a casa quasi nua;
Penhora n'isso mesmo, os trastes para a rua,
A fazenda não perde; hade cumprir-se a lei.
É justo. Mas, agora, apenas lembrarei
Aquelle recebondo e nedio negociante,
Illustre cidadão, politico importante,
Que influe nas eleições, decide dos emprestimos,
Para qualquer partido, além de varios prestimos,
Tem, talvez dois milhões, e paga, não me engano,
Uns duzentos mil réis de decima por anno.
O governo bem sabe o que elle esconde ao fisco;
Mas punir um magnate ás vezes tem seu risco.
Quer dizer que o bemquisto e nedio cidadão,
O typo da honradez não passa d'um ladrão,
E como este ha cem mil, as proporções guardadas,
As grandezas que tem são — grandezas roubadas.

Ah! burguezia honesta, á vossa propriedade
As contas deitará um dia a sociedade!

Abril, 18, 1872.

CEZAR — CATÃO!

(Depois de mais quatro fuzilamentos em Satory)

A que chegaste, ó França, após o cataclismo!...
Ao abysmo fatal segue mais fundo abysmo!
Ao terrivel fragor da pavorosa guerra
A paz, porém a paz com que estremece a terra!
Sentenceia-se á morte agora um desgraçado:
É pouco. Venham mais. Não custa demasiado.
Trez, seis mezes depois, procede-se á matança.
A Santa Inquisição fazia d'isto, ó França!

Inspira Satory o horror que n'outros dias
Inspiravam em Roma as negras Gemonias.
Thiers deve cunhar sobre a moeda publica
A effigie do carrasco, em honra da republica.
Pois quem ousa affrontar, co'a falsa liberdade,
A justiça, o direito, as leis da humanidade,
Trepída em inscrever, para evitar enganos,
No estandarte sanguento o mote dos tyrannos?!

Monarchista traidor, republicano int'rino;
Democrata de sceptro e manto cezarino!

Um facto singular se dá n'esse prodigio!...
Tem na fronte a corôa: aos pés o boné phrygio!
Oh! que impressão produz aquelle velho exangue,
A dois passos da cova e todo tinto em sangue!!

Agosto, 1, 1872.

O LIBERAL TRANSFUGA

Transborda a multidão do templo sacrosanto.
Espira, brandamente, o religioso canto.
Cravando attento olhar no pulpito onde assoma
Um levita-doutor que esteve ha pouco em Roma,
Esperam os fieis o verbo retumbante
D'aquelle que deixou—exemplo edificante!—
As musas e o bigode, as crenças do passado,
E tudo isto por que?... por causa d'um bispado!

Transfuga liberal, ousaste, em pleno dia,
Proclamar, applaudir, laurear a tyrannia!

Eu que, por tanta vez, te vi—e com que assombros!—
Encarando o porvir, tomar a cruz aos hombros;
Affrontar, sem tremer, co'a satyra violenta,
Da Babylonia—Roma a sanha truculenta,
Tambem te vi, depois, sair do Vaticano,
E vir pedir perdão ao clero ultramontano!

Vi!—Mysterios de Deus!—Os homens tem de ver—
Singular condição de seu extranho ser!—
Por cima da cabeça o sol resplandecente,
E enroscada a seus pés a lubrica serpente!

Ao lembrar-me de ti, ao contemplar-te agora
Qual és n'este momento e qual tu foste outr'ora,
Não sei que mais me agita e punge o coração,
Se a tristeza cruel, se a justa indignação!

Qual tu foste e qual és!!... Juntavas ao talento
A vasta illustração e o vivo sentimento
De quanto ha grande e bom! Em prol da humanidade
Dispunhas do saber, da luz, da mocidade.
Erguias sobranceiro a fronte onde se lia
O amor da liberdade, o horror da tyrannia!...
Co'a hypocrita libré do torpe jesuita,
Oh! tudo isso acabou!—Sente-o minh'alma afflicta!

Tinhas cursado o mundo, e no correr dos annos
Levado, a cada instante, amargos desenganos?
Na ermidinha do valle ou do pendor da serra
Procuravas a paz, o summo bem da terra?
Parando, a descançar, sobre os degraus do templo
Sacudisses então, que era proficuo exemplo,
Desenganado já de fatuas illusões,
Com o pó da sendalia o pó das ambições.

Mas rojando-te aos pés da curia envilecida,
Proterva e rancorosa, infame e fratricida...

Quanto, emfim, de mais baixo e negro se tem visto,
Abraçaste Antonelli e renegaste a Christo!

Olha, quando, subindo ao pulpito sagrado,
Vires, sobre um altar, um lenho ensanguentado,
E do lenho pendente, o olhar vidrado e fixo,
Um martyr salvador, um Santo Crucifixo...

É Christo-Redemptor, que, em seu amor supremo,
Está pedindo a Deus que te perdôe, blasphemo!

Agosto, 5, 1872.

O PRESIDENTE DO JURY

Sabio de *bric-à-brac*, illustre pedagogo,
Que á puericia real ensinas desde logo
A lisonja arrastada, à baixa hypocrisia!
Eu conheço-te bem, santão da freguezia:
Lá devias cantar, ó mutilado infame,
Co'a tua voz de tiple em musical certame.

Presidente venal de todos os concursos,
Erudito cruel, insano nos discursos,

Versejador fatal, rethorico apopletico,
Libertino por dentro, e na apparencia ascetico;
Recebendo mercês da mão da liberdade,
E mordendo-a depois nas sombras da maldade:
Grego de contrabando, é mais o teu emprego
Ser grego nas acções do que na lingua grego.

Vaes agora saber como me custa pouco
Desmascarar de vez na praça um farricoco.
Como um *pobre escriptor*, *versejador fraquito*,
Que *não sabe latim*, amanha um erudito.

Calumniador de Homero, ultrajador do Dante!.
Louvado seja Deus! e fazem do pedante
Arbitro a decidir do gosto e do talento!...
Onde a critica exige um fino sentimento
Do bello, do ideal, vão pôr este pancracio,
Estragador de Moscho e do divino Horacio!

Inda ficando aqui!... emfim, se á crassidade
De tal entendimento a luz da probidade
Mandasse algum clarão!... Mas a moral n'aquelle,
Peor que a intelligencia, inda a mais baixo o impelle!

Querem saber por que? Um toque bastará
Para mostrar o fel que n'aquell'alma está.

No dia do certame, um moço concurrente
Fallou sobre a Reforma. O grave presidente
Julgou ver no orador ideias deleterias:
Ferveu-lhe a indignação! Bateram-lhe as arterias!
Embargaram-lhe o curso a apostrophes violentas
Do tenesmo oratorio as ancias truculentas!
Um — bem pouco christão! — do jury respeitavel,
Afoitou-se a ter mão na scena deploravel!
O publico apupava ás furias do truão.
O escandalo acabou? Não acabou, verão:

Uns minutos depois, na salla do concurso,
O protegido entrou e fez no seu discurso,

Co'a funda convicção de um animo seguro,
A confissão geral de pantheista puro.
Ceus e terra! o beato, o protector da curia,
O servo ultramontano, ouviu aquella injuria—
Monumental blasphemia!!—e conservou-se mudo?!

Um hypocrita bom tem bojo para tudo.

Julho de 1872.

PAQUITA NAS GARRAS DE UMA LEOA

Assombro feminil! Sapho na antiguidade,
E mais que Jorge Sand na nossa sociedade!
Ouso ascender a ti — perdôa esta ousadia —
Mas, ah! prodigio, eu sei que me fizeste um dia
A distincta mercê de ler um livro meu!
O livro era a Paquita: a colera incendeu
Por modo tal teu rosto, ó casta filha d'Eva,
Que a sobreposta côr venceu a côr primeva!

A *immoral em acção* era o meu livro em verso:
Ás filhas apontaste o escrevedor perverso,
Votado desde logo á justa indignação
De quem lê «l'Homme-Femme» e toda a collecção
Das obras immortaes, escriptos de um rapaz,
Que é filho giganteu do pobre anão Dumas.

No chispante furor da colera felina
O que mais te mordeu foi ser verde a heroina!
Capricho singular! Querias, porventura,
Que fosse, como tu, heroina madura?!

Agosto, 18, 1872.

ADELIA E O PRETO

Se a visse el-rei Salomão,
Ou se el-rei David a visse,
Talvez nenhum resistisse
A votar-lhe uma canção.

Um, no seu Canto dos Cantos,
Outro, na Harpa Sacrosanta,
Porque a força é tanta e tanta
De seus magicos encantos!...

Os olhos azues, brilhantes,
Despedem clarões da aurora,
E da bocca encantadora,
Saltam beijos delirantes!

Como não ha Salomões,
Nem Davids por esta côrte,
Alguns vates de má-morte
Fizeram-lhe umas canções.

Tempo perdido. Acudiu
Um conde, um marquez da moda;
Emfim, essa gente toda
Que das Arabias saíu.

Invulneravel! Sorria
Adelia aos seus pretendentes,
E sorrisos tão pungentes
Jámais os teve a ironia.

Fatigada, d'esta sorte,
Com tanto branco indiscreto,
Reparou que um certo preto
Tambem lhe fazia a côrte.

Era uma noite de lua,
E, por capricho, ella quiz
Vêr que tal era o matiz
Da côr do preto co'a sua!

Parece que o vivo ardor,
D'aquelle sopro africano,
Tem causado um certo damno
Ás côres d'aquella flor!

. . . .

Uma lingua viperina,
Que existe nesta cidade,
Que ha de dizer, por maldade,
Da seductora menina?!

Que é com os brancos coquette,
Mas com os pretos, Adelia,
Faz mais do que fez Ophelia
Pelo seu primimho Hamlet!

Abril—1873.

OS PETROLEIROS

Tambem existem cá!... Se a grande capital
Os viu entre o fragor da horrenda saturnal,
Nós vêmol-os na paz! Na paz?—Na podre calma,
Que traz o desalento ás faculdades d'alma,
Que apaga a inspiração das nobres ambições,
Que é prenuncio fatal da morte das nações!

Depois da lucta ingente um bando de sicarios,
Agitando nas mãos os fachos incendiarios,

Assolava Paris. A ideia creadora,
O crástino clarão; luz da bemdita aurora,
Que, apoz o cataclismo, innundaria a França,
Afogada ao nascer no sangue da matança!
O poder teve mão no bando dos forçados:
Sem treguas nem quartel, depois de metralhados,
Bramindo no seu antro, inda morreram mil,
Qual morre a besta-fera achada no covil!
O resto nas galés!
                                        Mas os da nossa terra,
Petroleiros tambem, que fazem de outra guerra,
Tão cruel e mais baixa, andam sem embaraço:
São servilões do povo ou servilões do Paço;
Do Paço pouco importa—os grandes servilões,
Escalracho fatal de todas as nações,
Com muito de saber e um pouco de idiotas,
Os egregios varões chamados patriotas,
Esses taes é que são a praga do paiz.
Em face ao povo ignaro acurvam a serviz.
Em vez de lhe apontar os erros da ignorancia
Excitam-lhe as paixões: illuso, como a infancia,
O povo vae seguindo a protectora mão

Que nas trevas o arrasta e leva á perdição.
Dizer-lhe, francamente, os vicios que elle tem,
Indicar-lhe o dever, mostrar-lhe o mal e o bem,
Preparar-lhe o futuro, amenisar-lhe a lida,—
Tão cruel para o povo em sua agreste vida!—
Isso nunca jámais!—Augmentam-lhe a cegueira!
Aproveitando o fel d'uma existencia inteira,
Votada desde o berço a vexações constantes,
Fermentam-lhe no sangue os odios revoltantes:
Em vez da liberdade ensinam-lhe a licença,
E quando o povo então, na sua furia immensa,
Affronta as leis do justo e nega a sociedade,
Os tribunos da plebe, em prol da humanidade,
Retiram-lhe, na praça, a carta de alforria,
E entregam-n-o depois nas mãos da tyrannia!

Os sabios de improviso, uns outros petroleiros,
Que nós temos por cá, tambem são dos primeiros
A tentar perverter as intenções mais puras.
A cavilosa intriga é n'estas creaturas
Elemento fatal: na face macilenta,

No olhar obliquo e mau a flux se lhe apresenta.
Se um nobre coração, amigo verdadeiro,
Dos annos juvenís fraterno companheiro,
Aventura um conselho, exerce livremente
A critica illustrada,—o sabio, em continente,
Vota ás feras o auctor da critica nefanda,
E enceta nesse dia a santa propaganda,
Que se reduz, no fundo, a diffamar, na sombra,
O critico leal cujo talento o assombra!

O sabio que ascendeu ás glorias de immortal!...
Fallou na *Affirmação*, no *Justo*, no *Ideal*,
O que affirmou aqui foi-o negar ávante,—
E affirmar e negar é seu lavor constante,—
Inventou uma raça e varias coisas mais,
Que assombram pelo mundo o resto dos mortaes!

Além de tudo é mau. Morde na fidalguia;
Mas como precisou de entrar na sacristia,

Onde tinha valor um certo potentado,
Por quem elle—o vilão—devia ser julgado,
Sem freio na ambição, essa baixesa infinda
Arrastou-se á nobresa... e foi mais alto ainda!

Saber!... ó santo Deus! Saber é demolir,
Ás cegas, sem pensar, sem muito reflectir
No que é mau, no que é bom? Se demolir nos basta
Voltemos outra vez á seita iconoclasta.
Camartello na mão, não seja aproveitado
Nem sequer um seitil da herança do passado!
Iniquo, deleterio, absurdo sobre tudo.

Quando uma evolução, filha de longo estudo,
Se prepara no mundo—agora se prepara!—
Os obreiros da ideia hão de tornal-a clara,
Accessivel á luz de espiritos incultos:
Que deste modo só é que se formam cultos.

Rompam co'a tradicção, se a tradicção é má —
Mas digam o por quê, mostrem o que será, —
Procurando aclarar tudo o que houver obscuro, —
A ideia do porvir, o dogma do futuro!

Ao vêr que se desvela um bom da humanidade,
Lidando dia e noite em busca da verdade,
A estulticia, a protervia, e sobre tudo a inveja
Acode enfurecida, insolita esbraveja!
Não podendo luctar de cara a cara intenta
Damnar tudo que é bom co'a baba peçonhenta.
Collêa como a serpe, arrasta-se no pó;
Ao sentir-se esmagada appella para o dó;
Estadeia na praça as mingoas da miseria;
Fallando no trabalho e na sciencia séria,
Nega o lavor constante, os meios, a sciencia
Do que fundiu no estudo os dias da existencia!

O paiz «olha e passa»; o enxame de reptis
Levanta-se do pó, e impera no paiz!

Emquanto a Europa absorta encara a lucta immensa,
O genesis social, parte da nossa imprensa
E toda a sociedade horas aproveitadas
Desgasta no lavor de decifrar charadas!

Fecundo, como a luz, um pensamento audaz
Apavora e fulmina esta profunda paz!
O burguez julga ouvir, tranzido de terror,
A trombeta final no verbo creador!
O partido exaltado, o extreme, o reformista,
Relembra, com afan, que é puro monarchista,
E, se escapa algum rei das mãos dos assassinos,
Com o bispo na frente, ao repicar dos sinos,
O radical partido entra os humbraes do templo,
E dá graças a Deus!...

Commove-me este exemplo!!
A eloquencia espontanea, a maxima eloquencia,
Casuistas subtís tem-n-a como demencia!
Elevar as paixões, nesta baixesa humana,
Deslustra um orador de fórma quintiliana!

De rastos a moral, de rojo o pensamento!
Nem uma ideia só que nos excite o alento
Das grandes ambições filhas de um nobre affecto!...

O petroleo é melhor que este palude infecto!

Março, 9, 1873.



